

**DO SOL QUE GIRA (O TEMPO) AOS GIRASSÓIS (O
ESPAÇO)**
***DEL SOL QUE GIRA (EL TIEMPO) A LOS GIRASOLES
(EL ESPACIO)***
***FROM THE SUN THAT SPINS (THE TIME) TO THE
SUNFLOWERS (THE SPACE)***

Eliseu Pereira de Brito.

Professor da Universidade Federal de Tocantins (TO).

E-mail: pereiradebrito@gmail.com

Resumo: Enquanto se mudava a estrutura do Laplan sobre a praça principal da cidade de Palmas, surgiu o título deste artigo: Do sol que gira (o tempo) aos girassóis (o espaço). No desafio de compreender o processo ideológico/simbólico da Praça dos Girassóis foi escrito este artigo, como contribuição a construção do conhecimento sobre as tramas espaciais desta cidade que emergia das ansiedades e discursos políticos econômicos. Pensar Palmas a partir de uma leitura da escala do tempo no processo de construção de uma nova era de desenvolvimento para o então norte de Goiás e, ao mesmo tempo, pensar a cidade enquanto processo contraditório na escala espacial, tornou-se o desafio deste trabalho. Se o sol resumia em seu símbolo a luta histórica por um novo tempo na região, o girassol simbolizará uma capital extraordinária em seu plano.

Palavras-chave: planejamento; símbolo; tempo; espaço; discursos.

Resumen: Mientras cambiaba la estructura de Laplan en la plaza principal de la ciudad de Palmas, surgió el título de este artículo: del sol que gira, el tiempo, a los girasoles, el espacio. En el reto de comprender el proceso ideológico/simbólico de la Plaza de los Girasoles fue escrito este artículo, como una contribución a la construcción del conocimiento de la estructura espacial de esta ciudad que surgió de las preocupaciones económicas y discursos políticos. Pensar Palmas a partir de una lectura de la escala del tiempo en la construcción de una nueva era de desarrollo para el norte del Goiás y, al mismo tiempo, pensar la ciudad como un proceso contradictorio en la escala espacial, se ha convertido en el desafío de este trabajo. Si el sol resumía en su símbolo la histórica lucha por una nueva era en la región, el girasol simbolizará una capital extraordinaria en su plan.

Palabras clave: planificación; símbolo; tiempo; espacio; discursos.

Abstract: While we were changing the structure of the Laplan on the principal square of the city by Palmas, appeared the title of this article: From the sun that spins (the time) to the sunflowers (the space). In the challenge of understanding the ideological/symbolic process of the Square of the Sunflowers it was written that this article, like contribution on you them weave the construction of the knowledge space of this city that one was surfacing of the anxieties and political economical speeches. To think You Palmas from a reading of the scale of the time in the process of construction of a new was of development for then north of Goiás and at the same time, to think the city while contradictory process in the space scale became the challenge of this work. If the sun was summarizing in his symbol the historical struggle for a new time in the region, the sunflower will symbolize an extraordinary capital in his plan.

Key words: projection; symbol; time; space; speeches.

INTRODUÇÃO

No desafio de nossas reflexões sobre a cidade de Palmas, no estado de Tocantins (Br), buscamos neste artigo tecer algumas análises sobre a Praça dos Girassóis.

No intuito de explicitar melhor nosso pensamento, vale aqui evidenciar o diálogo que buscamos realizar com as obras de Pierre Bourdieu, François Choay e David Harvey, lembrando se tratar mais de um exercício de reflexão com estes autores e, com certeza, este trabalho reflexivo tem uma dimensão a qual excede as curtas frases que compõem este artigo.

Criada sobre o alvo da população do norte do então estado de Goiás ter conquistado, no dia 5 de outubro de 1988, o tão sonhado estado do Tocantins, a cidade de Palmas, localizada no ardente torrão enclausurado pelo rio Tocantins e pela Escarpa do Lajeado, sobre antigas fazendas, foi construída para ser a sede do governo do jovem estado, inaugurando uma nova organização do território tocantinense.

Sobre os traços pós-modernos que desenhava nos entremeios de uma paisagem composta por árvores de troncos tortuosos, rasgadas para compor um cenário que continha em sua autoridade a alma de um ser imortalizado, oriundo dos traços pretos a esboçarem os riscos daquilo que dizia ser a cidade, para os marcos feitos com piquetes e desenhados pelo trator sobre o solo, algo se deu – o plano virou ato.

O percurso da construção da cidade foi marcado por alguns pontos que vão redesenhar seu planejamento. Sob o intuito, não de discutir a cidade como um todo, mas a Praça do Sol, ou a Praça dos Girassóis, teceremos uma reflexão sobre alguns dos aspectos que heterogenizam os traços desta praça e, ao mesmo tempo, o que alguns destes representam para a cidade.

A FORMAÇÃO DA PRAÇA

Quando nos referimos sobre a cidade de Palmas, colocamos em ênfase que se trata de uma cidade pensada em meses dentro de um escritório composto por alguns especialistas em arquitetura e engenharia. A forma de concepção da cidade ficou muito direcionada para uma abstração daquilo que imaginava ser a cidade. No centro deste plano, uma praça que, no projeto inicial da cidade, chamava-se: Praça do Sol.

Do sol por entender ser ali o local da irradiação de um novo tempo. O sol que simboliza «resplendor, luz, princípio ou idéia que exerce grande influência: onde o sol do entendimento foi mais remisso em despontar» (GARCIA, 1970, p. 3408). A esperança de um futuro promissor, imaginada sobre as pranchetas, se emanaria das decisões políticas que se realizaria na Praça do Sol e iria irradiar para a população tocantinense.

Para Minc (1991, p.100), tratando sobre a cidade de Palmas, a questão é o seguinte: «Palmas, acreditam seus projetistas, possui todos os requisitos para se transformar num pólo de irradiação de progresso». Este pólo de que trata o autor era representado pelo símbolo do sol. Era um rompimento com o histórico atraso e dependência que vivia o norte goiano em relação ao sul, tanto do estado de Goiás quanto dos grandes centros urbanos e econômicos do Brasil. Os movimentos sociais construíram a realidade em que vivia esta região, por isso, lutaram e romperam com o sistema político de Goiás.

Quando se criou o estado do Tocantins, houve certa disputa entre as oligarquias, que no limite do território tocantinense ganharam força, e estas estavam concentradas em Araguaína, Gurupi e Porto Nacional. Cidades que entraram na luta para sediar o poder e aumentar ainda mais sua dominação no território, mas, que não tiveram seus anseios atendidos.

Em 1989, criou-se Palmas. Planejaram uma cidade moderna e cosmopolita, porém, ela surgiu do nada, do vazio de lutas sociais, carecendo de um discurso e de se afirmar como um símbolo que garantisse a sua importância. Nada mais interessante do que o sol, que não rompia com os ideais das lutas separatistas, antes, os afirmava.

Estrategicamente, o sol garantia com que Palmas passasse a representar a continuidade do processo de conquista e de um novo tempo de sucesso para o Tocantins, transformando as estruturas econômicas e construindo um marco simbólico desta conquista, que foi o plano de uma grande cidade – Palmas.

Minc (1991) afirmou que durante o processo de planejar e construir a infraestrutura básica da nova cidade de Palmas, expressou-se o aspecto de se estar vivendo mais pelo seu projeto de futuro e não de seu presente, o qual nada mais era do que um imenso canteiro de obra. Ora, pensar em construir uma cidade é mais do que pensar em construções de infra-estrutura, é pensar em quem vai habitar a cidade. Então, o discurso não deveria abranger apenas os tocantinenses, tinha de ser expandido para toda população brasileira a fim de ganhar contingente populacional.

Nesta perspectiva, alguém olhando para o projeto da praça ao invés de ver o sol vislumbra girassóis; o sol, fonte que irradia luz e claridade, se metamorfoseia em uma entidade que busca essa luz, que anseia por um caminho mais claro a partir do local em que se encontra, ou seja, o girassol. Portanto, o sentido do lugar em que a centralidade simbólica e política de Palmas se efetivava, passou a não ter mais o significado da luz sobre o conjunto do território, mas aproximou-se mais ao da flor, que receberia a luz para viver, o girassol.

Buscando outros significados encontramos: «es planta anual que se desarrolla com rapidez» (FRAGOSO, s/d, p. 436). Fazendo uma analogia entre a descrição de Fragoso e o objetivo imposto sobre a ocupação do espaço urbano da cidade, vemos que esta obedeceria a uma prática que acreditava na ocupação rápida da cidade, chegando nos meados da década de 1990 a mais de meio milhão de pessoas.

Esta praça não teve tanta importância nos primeiros anos de implantação da cidade, até porque não se tinha uma praça, mais um terreno aplainado, cheio de barracos feitos de madeiras que abrigavam

os trabalhadores dos prédios públicos. Com o asfalto da Avenida Teotônio Segurado e Avenida JK, criou-se um grande balão, tendo o Palácio Araguaia como torre da construção da capital. Não mais a poeira se levantava, mas um gramado verdejante se espriava sobre o solo descoberto, trazendo um sentimento de harmonia com a natureza.

Em 1993, o primeiro prefeito eleito de Palmas Eduardo Siqueira Campos tomou posse e iniciou uma exaltação sobre o símbolo do girassol, plantando esta flor em alguns pontos estratégicos da cidade. Os espaços foram invadidos pela flor, não mais o verde compunha o cenário da paisagem, mais o amarelo dominava.

Como o homem criador da cidade e possuindo o poder de governador, José Wilson Siqueira Campos começou a exaltar a flor em seu discurso. Parafraseando Bourdieu (1998), encontramos a seguinte afirmação:

[...] o poder simbólico não reside nos sistemas simbólicos em forma de uma *illocutionary force*, mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, [...]. o que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daqueles que as pronuncia. (BOURDIEU, 1998, p. 15).

Caso perguntar hoje em Palmas se alguém já ouviu falar da Praça do Sol, poucas pessoas saberão responder, pois, o girassol recebeu uma simbologia que passou a representar a cidade. Vale ressaltar, que a Praça do Sol só ficou no projeto, pois sofreu alterações logo nos primeiros anos de construção e a praça não foi implantada de fato com este nome, até porque, a Praça dos Girassóis só foi construída no final dos anos 1990. O que estamos aqui tratando é do objetivo que continha estes símbolos para a construção de Palmas.

Kevin Lynch sobre a temática em tela faz a seguinte consideração:

[...] na medida em que a constituição da imagem é um processo dialético que implica observador e observado, é possível reforçar a imagem, seja pelo uso de instrumentos simbólicos (planos e cartazes), seja pelo treino do observador, seja ainda pelo

remodelamento do meio ambiente. (LYNCH *apud* CHOAY, 1979, p. 312).

Com o desconhecimento da população do plano básico de construção de Palmas, não houve uma mínima reação política ou social quanto a mudança de nome da praça. O então governador conseguiu mudar o nome da Praça do Sol contido no planejamento para Praça dos Girassóis. Isso implica dizer que o poder das palavras é dado por quem as pronuncia, mas depende de um consenso, porque é uma adesão, ou seja, o símbolo girassol não tem valor em si, mas o valor é estabelecido pelas relações que os sujeitos (moradores de Palmas) construíram sobre a praça. Este processo se deu simultaneamente a plantação dos girassóis, mas não apenas pelos girassóis, ou seja, pela fonte de origem, mas pelo consenso político que emanou por meio do marketing para os emanados que foram os moradores da cidade que compunham o campo de poder.

Para Foucault (2007, p. 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. O objetivo do estado (poder) não era apenas plantar girassol, enfeitar a cidade com florzinha, era antes de tudo, sustentar os objetivos traçados na construção da cidade. Este discurso tornou-se uma violência ao plano da cidade, mas que obteve regularidade na base desta prática, ao buscar afirmar a grandiosidade de uma cidade em meio ao futuro incerto/certo que deslanchava nos primeiros anos de implantação.

Mas o poder simbólico passa por metamorfoses do tempo e não será mais a razão plantar girassol que produzirá o sentimento da praça dos girassóis, é bom grifar, conforme propõem Kevin Lynch (*apud* CHOAY, 1979, p. 308) que «cada habitante teve relações com partes definidas de sua cidade e a imagem que tem dela está banhada de lembranças e significações». Contribuindo nessa direção, Bachelard (1984, p. 203) faz a seguinte afirmação: «as lembranças são imóveis e tão mais sólidas quanto mais bem especializadas». As grandes imagens têm uma história, mas também uma pré-história, mas a vivência que os homens faz delas nunca é imediata, «nunca se vive uma imagem em primeira instância» (BACHELARD, 1984, p. 218), contudo, é sobre o fundo onírico que o passado individual colorirá a imagem.

Ao pronunciar a Praça dos Girassóis hoje produz uma lembrança do amarelão decorado pela flor que enfeitava os arredores do palácio.

UMA PRAÇA MONUMENTAL

Não é mais plantar girassol que simboliza o nome da praça, antes, uma singularidade aceita pelos moradores da cidade induzida por um conjunto de artífices emanado, principalmente, pelo poder público estadual na pessoa do «grande herói» o governador Siqueira Campos.

Por se tratar de uma cidade modernista, onde o desenho urbano é uma percepção de quem a planeja como afirma Kropotkin (*apud* CHOAY, 1979, p. 153) «não se legisla o futuro e tudo o que se pode fazer é adivinhar as tendências essenciais e limpar o caminho para elas». Sendo assim,

[...] elimina qualquer detalhe anedótico em proveito de formas simples, despojadas, onde o olho não possa tropeçar em nenhuma particularidade; trata-se, de certa forma, de construir o quadro o priori de qualquer comportamento social possível. (CHOAY, 1979, p. 23).

Vale ressaltar, que o planejamento modernista não tem como alvo o fim do particularismo individual, antes, reforça este, mas despoja do particularismo coletivo.

Tecendo uma crítica sobre o planejamento progressista de Brasília, François Choay (1979), coloca com perplexidade a banalidade do planejamento desta, na qual seus planejadores, brincando com blocos e maquetes ao sabor do humor ou da fantasia, deslocavam de um lado para outro estes para proporcionar um melhor símbolo ao espetáculo arquitetônico modernista como inovador e chegavam a dizer que «a reta é sadia também para a alma das cidades. A curva é prejudicial, difícil e perigosa; ela paralisa» (JEANNERET *apud* CHOAY, 1979, p. 188).

Uma cidade sobre as retas, assim também foi a concepção do plano de Palmas. Para Iara Vicentini (2004, p. 244), referindo ao plano urbanístico, afirma que ele «contém a maioria dos ingredientes modernistas», mas ressalta que foi um «modelo modernista, fora do

lugar e do tempo, [...] lembrando mais uma insensatez da razão». (VICENTINI, 2004, p. 248). O que se observa, a partir do que foi planejado como ideal para se instaurar a cidade de Palmas, é o aspecto da diversidade de referenciais arquitetônicos e urbanísticos, entremeadado pelo temor de ruas, pois «a palavra rua simboliza em nossa época, a desordem circulatória» (JEANNERET, 1984, p.81).

A conclusão é óbvia, não se consegue ver em Palmas aspectos puramente modernistas mais sim um ecletismo. Há uma ruptura com a idéia de desenvolvimento centrado em planos racionais e eficientes na cidade, ou seja, uma ruptura com a Escola Modernista Progressista de Le Corbusier.

A arquitetura pós-modernista é o que se pode apontar como hegemônica na linha urbanística da cidade, pois não pretendeu impor soluções, mas dar condições, perante a transformação daqueles amplos espaços vazios em formas arquitetônicas ecléticas, para que a população pudesse produzir seu sentido próprio de lugar. Alguns autores, como Baudelaire, afirmam ser esta arquitetura a busca pela memória coletiva. Entretanto, nesse mesmo espaço, o eclético se beneficia com a perda de referenciais, o que permite a corrupção do poder instalar seus sentidos próprios do que almeja enquanto identidade e organização social. Portanto, as cidades pós-modernistas são em si contraditórias, pois, a materialidade é instável, é moldada pelo imitar das imagens da mídia, podendo ser mudado ao apertar de um botão, ser adaptado onde e como quiser.

Refletindo sobre o pensamento de David Harvey (1989), podemos afirmar que o pós-modernismo é eclético e produz uma intensidade de esforço na imagem, provocando uma perplexidade, mas também uma popularização a fim de conciliar a vida das pessoas ao não estranhamento do cenário.

Os espaços da cidade tornam-se efêmeros, os espaços da particularidade, da singularidade e até da monumentalidade da arquitetura passam a ter importância nos projetos, dentro de uma concepção de grupo (coletivo), grupo este em que a população é chamada para participar, mas também pode ser colocada como mera observadora, ou seja, função é de aceitar.

Neste norte possibilitado por D. Harvey (1989), buscaremos explicar alguns pensamentos sobre os monumentos da Praça dos Girassóis.

MONUMENTOS E NÃO MONUMENTOS

Ao caminhar sobre a praça, alguém pode perguntar sobre a história do povo local e, para tanto, resposta não achará; não existe nenhuma representatividade histórica social inscrita sobre os monumentos, tudo é uma fantasia arquitetônica que inspira um sentimento de neutralidade política ideológica específica do lugar. Não existem símbolos históricos identificáveis, mas, uma abstração no seio de um Estado que foi construído por lutas em prol do movimento divisionista. Não há monumentos de exaltação a nenhum líder do movimento, mas uma artificialidade de cenários.

Contribuindo para nossa análise, John Ruskin nos leva a pensar algumas questões quando ele trata de que a cidade é,

[...] a revelação de uma verdade transcendente, mas exprime também a vitalidade de uma sociedade. [...]. No entanto, quando vocês saem das paredes e percorrem as ruas dos bairros dessa cidade – estou falando de Verona – o olho não tende a se deter nessa paisagem, por mais maravilhosa que seja ele não busca, como aqui, os espaços que se abrem entre as casas. O coração e os olhos têm muito o que fazer nas ruas da própria cidade. (RUSKIN *apud* CHOAY, 1979, p. 121-122).

Além de ser um conjunto arquitetônico, visando agradecer aos olhos, ou organizar a circulação, ou então apenas viabilizar a prática do poder, tanto simbólica, via palácios e monumentos, quanto efetiva, via acesso rápido e imposição da ordem em todos os lugares do urbano, a cidade e seus palácios, praças e monumentos são mais que esses aspectos.

Estes prédios e espaços só tomam sentido quando são concretamente vivenciados pelas pessoas em seus diversos interesses e necessidades, crenças e valores. Aí, o espaço urbano, como uma praça, deixa de ser apenas a paisagem, mas passa ser um território de construção, via confronto de idéias e ações, dos sentidos de identidade e pertencimento daqueles que ali habitam e se locomovem com o coração e com os olhos.

Enriquecendo mais ainda esta abordagem, no específico sobre o sentido da praça no meio da cidade, Camillo Sitte afirma:

[...] hoje, elas servem no máximo como locais de estacionamento de veículos e não tem nada a ver com as casas que dão para elas. [...] uma multidão agitada não circula mais [...] em resumo, falta animação precisamente nos lugares onde, na antiguidade, ela era mais intensa – perto dos edifícios públicos. [...] e falta quase inteiramente o que constituía seu próprio esplendor. (SITTE *apud* CHOAY, 1979, p. 208).

A praça, portanto, pode passar de um coração em que as pessoas depositam e exercitam seus afetos, idéias e posturas, qualificando com os significados existenciais o sentido próprio do lugar, para ser algo em si, vazia, apenas de utilidade prática para a lógica da locomoção urbana. Espaço amplo, no meio de uma concentração imobiliária, cerceadora da especulação imobiliária por ser uma praça e aí não se poder construir prédios etc. A forma desta contribuir com a renda urbana é geralmente servir para estacionamento.

Já que inviabiliza a circulação, pode contribuir indiretamente para os que circulam de automóvel possam chegar até ali e encontrar um espaço para os seus carros. Substitui-se, portanto, as pessoas, a vida, o contato humano de idéias e valores, pela eficiência do vazio a ser preenchido com valor de utilidade econômico-urbanístico.

Diante disso, a praça deixa de ser espaço produtor de memória e identidade e passa a ser apenas um local sem árvores, monumentos e sentidos existenciais humanos.

A Praça do Girassol, em Palmas, sofre com esses conflitos de uma urbanização acelerada, ao mesmo tempo em que tenta criar um sentido de memória própria aos habitantes do lugar. De um lado existem monumentos à cristandade, tanto de católicos quanto de evangélicos, como a Cruz e a Bíblia, assim como monumentos a supostos grandes nomes da história do país que aí passaram, como Carlos Prestes etc.

Contudo, esses monumentos e pontos de referências na Praça não foram frutos das vivências coletivas, mas mais uma forma de artificialmente se construir símbolos de uma identidade, a qual a população em si não chegou a participar de forma direta. A prova disso, e o que marca mais o sentido de referencial do lugar da população na praça é o Palácio do Araguaia.

De concreto e vidro, decorado com tijolos à vista ele representa um traço fundamental da arquitetura pós-moderna, o esplendor unido ao funcional, como afirma Vicentini (2004) «é o monumento moderno do poder». Com 14.000 m², o Palácio Araguaia apresenta como o principal símbolo da cidade de Palmas. Em recente pesquisa realizado com alunos do Centro de Ensino Médio Tiradentes em Palmas, constatamos que 90% dos entrevistados afirmaram que este é o monumentos que representa a cidade, os outros 10% afirmaram ser a Avenida Teotônio Segurado e a Praça dos Girassóis.

Para Corrêa (2005), a localização de um monumento no espaço urbano detém poder político. Ter o palácio como a primeira grande obra da construção da capital possibilitou que este passasse a ser o prédio de referência da cidade. A Praça, por conseguinte, passou a ser apenas um vazio, cheio de monumentos de pouco significado para o conjunto da população, a qual entendeu e elegeu que é o poder político o fator de referencial identitário do lugar.

O girassol é a Praça cujo significado não se encontra nas vivências sociais que ali deveriam materializar, mas é decorrência do sol do poder, que é o Palácio do Governo. Este é de fato a fonte da memória, o que produz o sentido de identidade, o que define o que deve ser o local. Mas o mundo não é tão dócil e harmonioso assim... à noite, quando o sol se esconde, o girassol não deixa de viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Harvey (1989), a organização da cidade sobre a base do plano obedece a um fetichismo e, observando este aspecto na cidade de Palmas, vemos que uma das maiores praça da América Latina representa o poder que intentaram impor sobre a capital para construir uma cidade milionária, capaz de ser uma metrópoles regional em um curto período de tempo.

Mas também, os monumentos da praça expressam de um lado um consenso religioso e de outro uma representação arquitetônica política que guarda em si uma negação das oligarquias políticas do Estado ou da própria história tocantinense. Ou seja, justamente pela artificialidade de significados que o poder político tenta impor à população da cidade, esta reage em conformidade as condições e li-

mites colocados, buscando recriar os símbolos de identidade por meio de outras práticas e significações. Neste norte, Harvey (1989, p. 81) diz que «os efeitos ideológicos mais bem sucedidos são os que não têm palavras e não pedem mais do que silêncio cúmplice».

A familiarização com os monumentos produz uma interiorização inconsciente das regras de produção das obras e também um esquecimento. Pela extensão da praça, as dificuldades de aproximação aos monumentos tornam estes estranhos para a população e fora do convívio diário. Quem olha para esta vê uma exuberância arquitetural e sem significados ideológicos.

Esta cidade pode ser dividida em duas fases de sua construção: a primeira compreendida entre o lançamento da pedra fundamental até a construção desta praça. E o segundo momento, anos posteriores ao da construção da Praça dos Girassóis. A necessidade de afirmação da cidade como um lugar central e irradiador de um novo tempo era um escape para sua manutenção e desenvolvimento, assim como conservar o poder nas mãos de uma oligarquia estreita.

No segundo momento, quando a cidade já possuía uma expressão regional, não se tinha mais necessidade da busca de reafirmação simbólica frente ao arranjo político estadual e nacional. A cidade estava consolidada, mas, fragmentada no que se trata do poder. Não havia mais um consenso, a União do Tocantins mostrava soberania e ao mesmo tempo, se saturava. A oposição política começava a colocar em jogo a união partidária, as oligarquias começaram a olhar a capital como local estratégico da proliferação de suas influências.

Reafirmar um símbolo passou a não ter tanta importância neste segundo momento, precisava criar um desconhecimento simbólico da cidade e, ao mesmo tempo, uma confusão entre lutas separatistas, movimentos sociais nacionais e pioneirismo em Palmas. E nada mais estratégico do que a Praça dos Girassóis como palco para tal disputa ideológica.

Em suma, a Praça dos Girassóis possui três momentos em sua concepção. O primeiro, o local estratégico onde ia resplandecer pelas decisões bem sucedidas o desenvolvimento do Tocantins, era o sol (tempo) de uma fase de crescimento do Estado. Segundo, a representação de uma cidade que crescia e que tornava um lugar central de desenvolvimento e acolhendo a maior parte da população regional e,

por último, um local das disputas políticas e ideológicas. É o espaço das lutas que giram em torno (girassol) da expansão do poder (político, econômico e ideológico) na região.

Nesse contexto, a praça passa a simbolizar muito mais do que a artificialidade uniformizante do poder político que o estado almejou instituir. As práticas silenciosas e as resistências balbuciadas pelas pessoas, passaram a produzir outros sentidos de vivência para o local. O sol do palácio não conseguia iluminar a todos por todo o tempo e em todo o espaço.

O girassol continuou sobrevivendo por entre as sombras e a escuridão que o poder local não conseguia vislumbrar nem entender. Eis o processo, ainda não acabado, de como os diversos agentes sociais, sejam a sociedade civil organizada, sejam as divisões entre os detentores do poder, sejam através do aumento da violência e da miséria, que passam a ocupar o espaço da Praça, produzindo outros usos e sentidos que, por mais conflitantes e diversos, apontam para outros mecanismos de elaboração de identidade territorial. O sol passa a depender do girassol para construir seu significado próprio de existência no lugar em que se faz necessário.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A filosofia do não**; o novo espírito científico; a poética do espaço. Seleção de textos de José A. Tradução de Joaquim J. M. Ramos *et al.* 2.ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sergio Miceli *et al.* 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1982. (Coleção Estudos).

BRITO, Eliseu P. de. **A (re) produção do espaço urbano de Palmas**. 2005. Monografia (Conclusão do Curso de Geografia) – Universidade Federal de Tocantins, Porto Nacional.

CHOAY, François. **O urbanismo**. Utopias e realidades. Uma antologia. São Paulo: Perspectiva, 1979. (Coleção Estudos/Urbanismo).

CORRÊA, Roberto Lobato. Monumentos, política e espaço. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: temas sobre cultura e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2005. p. 942.

ENCICLOPÉDIA Barsa. **Encyclopedia Britânica do Brasil**. Rio de Janeiro, 1988.

FERRAZ, Cláudio Benito O. **Geografia e paisagem**: entre o olhar e o pensar. 2001. Tese (Doutorado) – FFLCH/USP, São Paulo.

FRAGOSO, Romualdo G. *et al.* História natural da vida de los animales, de las plantas y de la tierra. 6.ed. Barcelona: Instituto Gallach de Librería y Ediciones, [s.d.]. Tomo III.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GARCIA, Hamílcar de; NASCENTE, Antenor. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. 5.ed. Lisboa, Portugal: Pinto Basto, 1970.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 5.ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria S. Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

JEANNERET, Charles-Edouard. **Planejamento urbano**. 3.ed. São Paulo: Perspectivas, 1984. (Coleção debates – urbanismo).

MINC, Eduardo. Tocantins. Nasce um Estado. In: **Revista Geográfica Universal**, Rio de Janeiro, n. 197, abr. 1991.

SOUZA, Marcos Alves de. O dono da terra: estudo sobre a formação de uma pós-fronteira no Tocantins. In: SILVA, Luiz Sérgio Duarte da (Org.). **Relações cidade-campo**: fronteiras. Goiânia: Ed.UFG, 2000.

VICENTINI, Yara. **Cidade e história na Amazônia**. Curitiba: EdUFPR, 2004.

Recebido em 23/11/2008.

Aprovado para publicação em 14/05/2009